

Aula 3

A REVOLUÇÃO DA PRENSA GRÁFICA

META

Nesta aula, pretendo mostrar-lhe os efeitos profundos da invenção da prensa gráfica sobre o processo de formação das pessoas no Mundo Ocidental.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- conhecer as condições da Europa Ocidental que propiciaram o advento da prensa gráfica;
- explicar as diferentes reações às transformações geradas pela prensa gráfica;
- synetizar as consequências sociais, econômicas, culturais e políticas do advento da mídia impressa.

PRÉ-REQUISITOS

Para aproveitar melhor esta aula, você precisa compreender o conceito de modernidade.

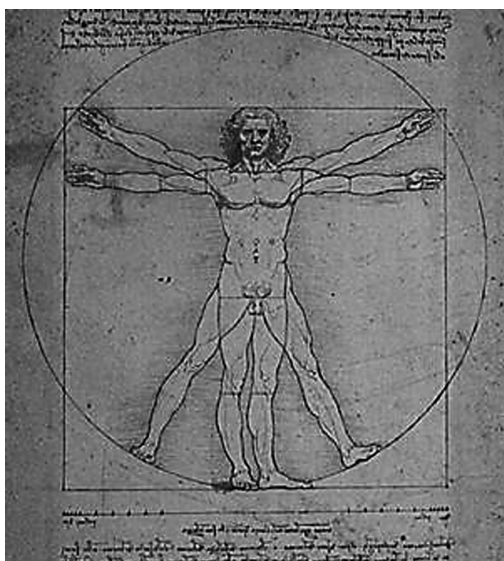
Marcos Silva

INTRODUÇÃO

Pois bem, companheiro(a)!

Esta aula se destina a explicar a origem histórica de uma importante instância de formação e transmissão de cultura nos tempos modernos: a mídia impressa. Na aula anterior, você foi apresentado(a) ao conceito de modernidade e às características da escola moderna. Foi possível perceber que a modernidade se consolidou em boa medida devido ao incremento de inovações técnicas. Num primeiro momento, foi um trio de inovações que ajudou às nações da Europa Ocidental a se tornarem hegemônicas em relação aos povos dos outros continentes: a bússola, a pólvora e a imprensa. Os dois primeiros inventos estão ligados à expansão territorial e ao domínio militar e o terceiro à formação de uma nova cultura, a chamada cultura das publicações.

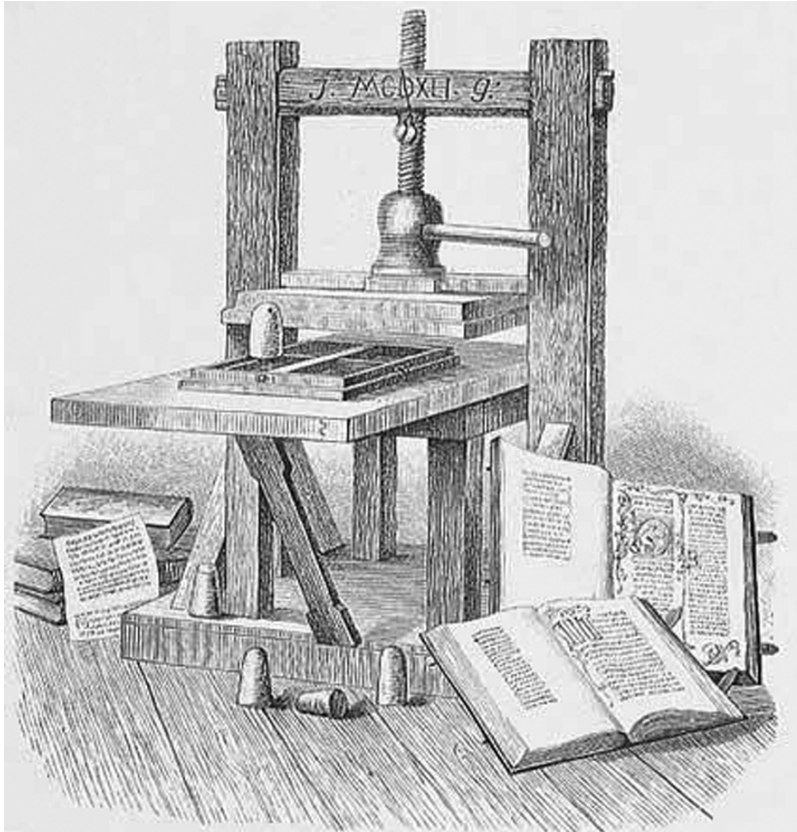
Estamos situados cronologicamente entre os séculos XV e XVIII. Como você leu na aula anterior, uma verdadeira transformação na estrutura mental do homem ocidental está em operação. As novas ideias que se originaram a partir do Renascimento Cultural, da Reforma Protestante e da Revolução Científica dos séculos XVI e XVII serão difundidas por meio do livro impresso. Assim, esta nova mídia (meio de comunicação) contribuirá decisivamente para as alterações que marcaram a transição da sociedade feudal para a sociedade burguesa mercantil, sobretudo, difundindo uma nova cultura em que a formação dos indivíduos se faz de maneira mais autônoma e os processos de transmissão cultural se diversificam. Esta é uma feição central da educação nos tempos modernos. Pelo papel que o livro impresso ocupará na escola e na sociedade de um modo geral, a partir dessa época, dá para avaliar a importância de estudarmos este assunto em um curso de História da Educação.



O homem vitruviano de Leonardo da Vinci sintetiza o ideário renascentista: humanista e clássico (Fonte: <http://leonardodavinci.stanford.edu>).

ESTUDIOSOS DA COMUNICAÇÃO

Segundo os estudiosos da comunicação, a humanidade vivenciou três grandes revoluções na forma de transmitir e produzir o conhecimento. A primeira foi com a invenção da escrita, nos alvares da civilização; a segunda foi a invenção da prensa gráfica em meados do século XV, no início da época moderna; e a terceira foi a comunicação a distância através do audiovisual na primeira metade do século XX.



Prensa gráfica. Cerca 1140 (Fonte: Mary Evans Picture Library).

O impacto dessas invenções sobre os diversos aspectos do agir humano foi tremendo: no primeiro caso permitiu fixar o pensamento sobre um suporte material, retomá-lo, aprofundá-lo e, sobretudo, quebrou a exigência de se compartilhar o mesmo ambiente para a emissão de uma mensagem, além de garantir a duração de um enunciado por longo tempo.

O interessante é que o grande filósofo grego Sócrates, que viveu no século V a.C., foi contrário ao uso da escrita porque, segundo ele, faria as pessoas negligenciarem a memória. Na realidade, as grandes revoluções nas comunicações têm gerado, por um lado, forte oposição e, por outro, uma euforia impensada.

A segunda revolução da comunicação se processou porque a Europa Ocidental, em meados do século XV, vivenciava um processo socioeconômico, político e cultural que propiciou condições para que o livro impresso assumisse o papel catalisador de uma nova ordem cultural. Isso você pode concluir a partir do fato de que a técnica de impressão já era conhecida na China e no Japão há séculos, e não foi capaz de produzir uma revolução cultural de tal monta naqueles países. Também, pelo fato de que regiões como a Rússia e o Império Otomano demoraram séculos para admitirem a introdução da prensa gráfica em seus territórios. Assim, nesses países, a cultura impressa, devido – sobretudo – a causas religiosas, não fermentou a vida do espírito.

Nas outras partes do mundo Ocidental, por causa da junção do interesse mercantil com o desejo de renovação das idéias gerado pelo renascimento cultural, a invenção de Johannes Gutenberg em 1450, em Mainz, atual Alemanha, provocou uma alteração significativa na cultura.

O livro impresso tornou-se um meio de comunicação justamente porque barateou em muito a produção e transmissão de conhecimento, por ser fácil de transportar e, sobretudo, por ter se tornado um produto comercial extremamente viável do ponto de vista econômico. Em torno do livro formou-se toda uma estrutura comercial que dinamizou a difusão das idéias renascentistas. Além disso, a Reforma Protestante e a Contra-Reforma católica passaram a utilizar de maneira intensiva a nova mídia, como estratégia de difundir suas idéias em função da guerra ideológica que travaram protestantes e católicos a partir do início do século XVI.

Perceba como uma conjugação de fatores contribuíram para que a impressão gráfica se tornasse uma arte difundida pela Europa. No ano de 1500, já haviam sido instaladas prensas gráficas em mais de 250 lugares e a produção de livros atingiu um montante calculado entre 13 e 20 milhões de exemplares. E, para o século XVI, numa Europa cuja estimativa populacional ao final daquele século era de no máximo 100 milhões de habitantes, calculara-se uma tiragem de 140 a 200 milhões de livros. Em termos gerais, você já pode perceber que a nova mídia, o livro impresso tinha produzido - sem precedentes - um efeito multiplicador do conhecimento.

Obviamente que outros fatores serviram de contribuição para a chamada “explosão do conhecimento” nos tempos modernos, dentre estes podemos mencionar: o desenvolvimento urbano e dos meios de transporte e o progresso da língua vernácula, ou seja, das línguas nacionais. Perceba que as mídias modernas só se tornaram independentes dos meios de transporte a partir de meados do século XIX, com a invenção do telégrafo. Por outro lado, o advento da nova técnica alterou a própria estrutura ocupacional das cidades mediante o surgimento de novas profissões, como a do tipógrafo, o vendedor de livros e o bibliotecário.



SAMUEL MORSE (1791 – 1872) artista americano e inventor do telégrafo elétrico
(Fonte: Mary Evans Picture Library).

Assim, além de proporcionar incremento do intercâmbio intelectual, o livro tornou-se um produto comercial, um verdadeiro “meio de poder ao serviço do Ocidente”, segundo opinião de Fernand Braudel. (1995, p. 366).



ATIVIDADES

A partir do filme “O Nome da Rosa”, faça uma crônica sobre como se processava a reprodução do conhecimento nos tempos medievais.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Ver glossário no final da Aula

O filme “O Nome da Rosa”, lançado em 1986, foi inspirado no romance de mesmo nome do escritor e filósofo italiano **Umberto Eco**, nascido em 1932, e considerado um dos maiores intelectuais dos tempos atuais.

A partir da construção de um universo ficcional com forte respaldo histórico, o autor consegue transmitir toda a complexidade e jogo de interesses que havia em torno da transmissão e reprodução do conhecimento nos tempos medievais. À época em que dominava o cenário cultural, os famosos “monges copistas” e os interesses religiosos prevaleciam sobre a própria preservação do conhecimento. Inúmeras críticas e artigos sobre o livro original e o filme você poderá encontrar na Internet e assim se basear para elaborar sua crônica sobre o universo da reprodução de manuscritos que dominava o cenário cultural antes da invenção da prensa gráfica.

REAÇÕES À DIFUSÃO DA PRENSA GRÁFICA

Umberto Eco, pensador italiano, publicou em 1964 um livro intitulado “Apocalípticos e Integrados”, no qual descreve como as reações ao fenômeno da comunicação moderna costumam oscilar entre dois polos opostos: o da rejeição, devido a uma expectativa catastrófica de suas consequências, e o da aceitação e engajamento, por causa de uma visão redentora de seu potencial.

No início dos tempos modernos, as reações ao livro impresso também seguiram esse diagnóstico. Apesar de haver um período em que os manuscritos ainda permaneceram como uma alternativa para alguns endinheirados saudosistas, o livro impresso despertou a fúria de todos os que estavam envolvidos no demorado e custoso processo de cópia manuscrita dos textos, os copistas e iluminadores: O copista se encarregava da transcrição manual do texto e os iluminadores se encarregavam da decoração do manuscrito.

Ao final da Idade Média, um texto manuscrito se constituía numa verdadeira propriedade de tão elevado que era o preço de uma obra copiada manualmente, chegando-se mesmo a encontrar livros nos inventários de bens das pessoas ricas da época.

Além daqueles que viram seu ofício definhando, outros encontraram razões de outra ordem para se opor à cultura das publicações que se instalava. Para alguns da Igreja Católica, o livro representava uma fonte de problemas na medida em que permitiria às pessoas comuns estudar o texto bíblico por

conta própria, retirando assim o monopólio da interpretação das Escrituras das mãos das autoridades eclesiásticas.

Para alguns políticos, as consequências da difusão da literatura impressa deveriam ser temidas em função de seu potencial de esclarecer as pessoas quanto a seus direitos e liberdades, se posicionando então contra a opressão. Ora, o interessante é que para outros, como os reformadores protestantes, essas foram justamente as causas por que saudaram o advento da nova mídia.

As cidades em expansão abrigaram a instalação das imprensas e serviram de local ideal para a propagação dos livros e suas ideias. Por ser um objeto portátil e uma mercadoria nova, o livro transformou-se na principal mídia de transmissão da cultura, incorporando, com o passar do tempo, aperfeiçoamentos e novidades na forma de organizar e permitir o acesso ao conhecimento, como a divisão em capítulos, a inclusão de índices, gráficos e também de figuras, por meio da técnica da xilogravura inicialmente.

CONSEQUÊNCIAS CULTURAIS DA DIFUSÃO DA PRENSA GRÁFICA

Algumas consequências políticas e sociais da invenção da prensa gráfica já foram apresentadas. No entanto, nosso maior interesse é perceber os efeitos no âmbito cultural. O grande estudioso das comunicações, **Marshall McLuhan** (1911-1980), identificou a formação de uma “cultura das publicações”. Quais seriam as características dessa nova formação cultural?

Primariamente, podemos falar de uma mudança decisiva no sistema representativo predominante. Até o início dos tempos modernos, a comunicação se fazia apelando, principalmente, para o sistema auditivo. O púlpito das igrejas foi o grande meio de comunicação durante a Idade Média e início dos tempos modernos. Também havia a comunicação oral articulada pelos sermões dos frades nas ruas e praças das cidades e na zona rural, além da comunicação acadêmica, do canto, exposta pelas baladas, nas tabernas, cafés, na própria conversação e até nos boatos. Todas essas formas juntas constituíam uma espécie de comunicação de massa.

Com a invenção da prensa gráfica a comunicação passou a se fazer predominantemente com base no sistema visual. Além do livro impresso propriamente dito, ocorreu um crescimento concomitante da figura impressa. O catolicismo logo passou a utilizar o sistema de xilogravura para disseminar imagens de santos e promover a devoção pessoal. Até as pinturas de grandes mestres renascentistas foram reproduzidas para atingir o grande público.

A interação de diversas mídias também passou a ser utilizada no início dos tempos modernos, sobretudo nos rituais religiosos e políticos. Dramatizações públicas, festas populares, festivais religiosos e apresentações teatrais eram ocasiões para a utilização de cartazes, resenhas escritas.

Ver glossário no final da Aula

Outra característica marcante da cultura das publicações é uma tendência à padronização do conhecimento, uma vez que determinadas fontes (manuais e obras de referência) passaram a atingir o grande público com mais facilidade. Também ficou mais fácil preservar o conhecimento, acumulando-o, uma vez que se poderia guardar a informação na forma de livros, evitando perdê-la. A própria crítica à autoridade foi facilitada tendo em vista a maior difusão de uma variedade de versões sobre o mesmo fato.

A grande quantidade de informação gerada pela multiplicação das edições e da impressão de livros exigiu o aperfeiçoamento das técnicas de armazenagem, de acesso e da circulação das coleções de livros, determinando o crescimento das bibliotecas e a proliferação dos especialistas.

A concepção moderna de literatura se formou em função das preocupações com a propriedade intelectual, preservando-a para o autor e esforçando-se para coibir o plágio, facilitado pela revolução da prensa gráfica e a consequente explosão de conhecimentos.

O impresso tornou-se parte da cultura popular em torno do século XVII, sobretudo na forma de brochuras, um tipo de encadernação que barateia a produção dos livros. Mas, já a partir do século XVI, na França, surgia um movimento de produção de literatura para atingir as classes populares e camponesas. Produziam-se folhetos baratos, em cor cinza ou azul (daí o nome de “Biblioteca Azul”) onde histórias preservadas pela tradição, exercícios de devoção e conhecimentos úteis eram transmitidos de forma simplificada à população humilde. Outros países seguiram o exemplo e na Inglaterra, Portugal e Espanha é possível encontrar o mesmo esforço por tornar a literatura acessível às classes mais pobres. Esta é a origem da chamada “literatura de cordel” que também foi transplantada para a América portuguesa e consolidou-se como característica importante da cultura popular do Nordeste.

ROGER CHARTIER, estudioso da história do livro, fez um interessante estudo mediante o qual constatou o progresso da mentalidade Ocidental ao longo dos tempos modernos. A partir de um “inventário dos títulos” dos livros publicados ao longo de vários séculos, foi possível determinar uma evolução temática dos livros. Assim, no início do século XVII, predominavam publicações com temática religiosa, com uma literatura de oração e espiritualidade, destacadamente no mundo mediterrâneo e na França. Em meados do século XVIII a temática religiosa ainda ocupa um quarto da produção literária mas, em torno de 1785, menos de 10% da produção de livros é dedicada a temas religiosos. Na interpretação de Roger Chartier esse é um indicativo da “descristianização” e “laicização” que toma conta de determinadas regiões da Europa. Em compensação, enquanto decresce a temática religiosa nos inventários de títulos de livros publicados, cresce a produção literária dedicada às ciências e às artes. Segundo o autor, é um “movimento de permuta entre a teologia e as ciências e artes,..” Chartier e Roche (1976, p. 103).

Ver glossário no final da Aula

Perceba como o livro ao mesmo tempo em que refletiu a progressiva alteração na consciência da civilização Ocidental, o próprio advento da modernidade, foi importante fator na implementação dessa transformação na cosmovisão do homem moderno.

DIMENSÃO POLÍTICA DA PRENSA GRÁFICA, O JORNAL

Você já percebeu como a revolução da prensa gráfica afetou a economia, a sociedade e a cultura ao longo dos tempos modernos. Mas, uma revolução na forma de produzir e transmitir o conhecimento é um fato que abrange todas as esferas do agir humano, inclusive a política. Talvez, por isto, alguns sejam tão pessimistas em relação ao advento de novas mídias.

Mas, além de ressaltar efeitos socioeconômicos e político-culturais é importante perceber como as mudanças advindas da prensa gráfica se concretizaram na vida cotidiana de um crescente número de pessoas. Ou seja, como os impressos se tornaram parte do dia-a-dia da população.

Ora, os estudiosos são unânimes em admitir que o grande efeito da mídia impressa sobre a rotina das pessoas foi a formação de uma opinião, ou de um público, que pode ser entendido como “uma coletividade puramente espiritual, como uma disseminação de indivíduos fisicamente separados e cuja coesão é inteiramente mental”. Tarde (1992, p. 29).

Assim, a partir de uma “opinião pública”, compartilhada mesmo por indivíduos que não se veem, não se ouvem, dispersos em um vasto território, mas que usufruem da mesma leitura diária, representada pelo jornal, é possível formar-se um vínculo pelo compartilhar da mesma convicção ou paixão. Tarde (1992).

O primeiro jornal regular de importância, semanal, foi publicado em 1631. O primeiro jornal cotidiano *Le Journal de Paris*, nasceu em 1º de Janeiro de 1777. Por trás dessa inovação estão duas idéias importantes: a entrada da política nacional na vida cotidiana e a sensação de atualidade. Na verdade, antes da Revolução Francesa era possível falar de um público literário, filosófico ou até mesmo científico. Mas, com a Revolução Francesa irá se formar, pela primeira vez, um público político, que agrega todos os outros. Foi durante a Revolução de 1789 na França que se iniciou uma nova e poderosa influência sobre as atitudes e mentalidade das pessoas, o jornalismo. Se você consultar o dicionário, vai encontrar que “jornalismo” é a “atividade profissional que visa coletar, investigar, analisar e transmitir periodicamente ao grande público, ou a segmentos dele, informações da atualidade, utilizando veículos de comunicação (jornal, revista, rádio, televisão etc.) para difundi-las.” Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

A partir da invenção do telégrafo, justamente durante o período da Revolução Francesa, em 1793, e da criação do telégrafo elétrico, em 1850,

a imprensa consolidou seu poder de influenciar as pessoas por meio da capacidade de noticiar os acontecimentos internacionais atualizados. O poder alcançado pelos jornais foi tamanho que, ainda no século XIX, considerando a influência dos jornalistas britânicos diante das três tradicionais forças políticas da nação – clero, nobreza e povo – os mesmos foram chamados de “quarto poder”.

A REVOLUÇÃO DA PRENSA GRÁFICA E A ESCOLA MODERNA

Como você pode observar neste início de nosso curso, estamos estudando alguns processos históricos transcorridos durante a Idade Moderna e que, além de concomitantes, se influenciaram mutuamente. Na aula anterior, você viu que a Escola e o Estado modernos se consolidaram no mesmo período histórico e como um reforçou a ascensão do outro.

Bem, agora você pode estar se perguntando qual a relação da prensa gráfica, ou de seu principal produto, o livro, com o Estado e a Escola modernos. Roger Chartier (1976, p. 107) escreveu que o livro tornou-se no século XVIII o “signo do poder” e que, naquela época, “o poder não se concebe mais sem os volumes que encerram as regras do bom governo ou da memória dos séculos”.

Além do mais, é fácil perceber a posição central que o livro vai exercer nas escolas desde o momento em que o primeiro educador moderno, João Amos Comenius (1592-1670) anunciou seu grande sonho de que cada estudante possuísse um livro texto.

A cultura das publicações, também chamada de “universo da tipografia”, fez emergir a necessidade do desenvolvimento de novas competências, ou exigências educacionais, que irão contribuir para legitimar o novo papel que a escola irá desempenhar na sociedade.

Em outras palavras, com a formação desse novo “ambiente simbólico”, representado pelo mundo dos letrados, era necessário que as pessoas aprendessem a ler recorrendo, portanto, aos especialistas que trabalhavam nos colégios. Outra consequência da emergência de uma “comunidade de leitores” foi que aumentou a distância entre os detentores dessa habilidade e os que não a possuíam, sobretudo as crianças.

Dessa forma, tornar-se adulto passou a significar, dentre outras coisas, aprender a ler para se poder penetrar na cultura do impresso e ter acesso a um conhecimento reservado apenas aos leitores. Assim, é possível perceber que a revolução da prensa gráfica influenciou até mesmo no desenvolvimento da noção de infância.

Em decorrência dessa concepção moderna de infância é que as escolas serão tratadas como um espaço privilegiado de formação para as crianças, posto que a segregação do mundo dos adultos ao mesmo tempo em que pre-

tende prepará-las para decifrar os códigos que governam o mundo fechado da cultura das publicações.

Mas, a história da criança e o desenvolvimento da concepção moderna de infância serão temas da próxima aula. Por enquanto, você precisa apenas perceber o papel central desempenhado pela revolução da prensa gráfica no desenvolvimento socioeconômico, político e cultural dos tempos modernos e, principalmente, na própria constituição da escola conforme a conhecemos hoje.

CONCLUSÃO

O mais importante ao se analisar uma revolução da envergadura da provocada pela prensa gráfica é perceber o alcance de suas conseqüências. Neste caso, o que esta revolução pode ter transmitido de mais duradouro e decisivo foram exatamente as mudanças que se processaram na estrutura mental de longa duração das sociedades Ocidentais. Sob o influxo da cultura das publicações uma nova mentalidade se consolidou a partir da Europa Ocidental e contribuiu para uma série de revoluções políticas, econômicas, sociais e nos costumes que irão desenhar a feição do mundo moderno.

No caso de nosso curso, interessa sobretudo perceber como a escola moderna foi influenciada pelo advento da prensa gráfica. Por um lado, não é possível conceber a escola moderna sem o livro impresso, que funcionou como o suporte único dos conteúdos curriculares durante a maior parte da história moderna e, por outro, um dos objetivos básicos da escola tem sido preparar os indivíduos para se desempenharem no universo simbólico dos impressos.

Além disso, a formação de um mundo dos letrados ampliou a distância entre o mundo adulto, que dominava os códigos da leitura e da escrita e o mundo da criança. A partir daí, justificou-se a concepção de infância moderna e a própria escola, vista como uma instituição especializada no cuidado da criança.



RESUMO

Nesta aula tentei mostrar para você, com grossas pinceladas, um quadro sobre a renovação da comunicação que se processou através do livro moderno. O horizonte histórico inicial foi a tão conhecida transição do feudalismo para o capitalismo e as revoluções culturais que se processaram por volta dos séculos XV e XVI. Novas idéias precisavam ser difundidas e o livro impresso foi a mídia que permitiu a difusão dos ideais humanistas e dos preceitos das reformas protestante e católica. Apesar de representar

um papel tão decisivo no mundo Ocidental, a prensa gráfica não foi aceita em regiões como a Rússia e o Império Otomano, demonstrando a necessidade de condições sociais e culturais favoráveis para a sua disseminação.

Além de uma ferramenta de comunicação o livro impresso tornou-se uma mercadoria e, juntamente com a bússola e a pólvora contribuiu para que a Europa Ocidental iniciasse um longo período de hegemonia política e cultural sobre os povos dos outros continentes.

As reações ao advento da nova mídia oscilaram desde a sua recepção como um instrumento capaz de esclarecer os povos sobre seus direitos e liberdades até aqueles que deploraram o seu surgimento.

Bem, o livro impresso afetou todas as esferas do agir humano, desde a econômica e social (surgimento de um novo mercado, novas profissões) até a política e cultural (maior acumulação de conhecimentos, mudança de foco auditivo para o visual, crítica à autoridade). Além disso, o livro impresso alterou o próprio cotidiano das sociedades no mundo Ocidental através do surgimento da chamada “cultura das publicações”, determinando hábitos diários e, sobretudo, fazendo surgir a “opinião pública”, através da qual a política nacional penetrou no dia-a-dia das pessoas.

Para nós, enquanto estudantes de história da educação, é importante ressaltar a centralidade que o livro impresso ocupou na escola moderna e como o mesmo contribuiu até mesmo para que se consolidasse na civilização Ocidental um determinado conceito de infância.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula vou apresentar para você a história da criança a partir do início dos tempos modernos e como neste período se desenvolveu uma concepção específica de infância que tem determinado a maneira da escola agir ao longo dos últimos séculos.



AUTO-AVALIAÇÃO

Refleta assim: fiz uma leitura satisfatória do texto, a ponto de dizer que os objetivos propostos pelo professor-autor foram por mim alcançados? Pense também se houve, da sua parte, dedicação para cumprir a contento com as tarefas propostas. Em suma, responda em seu íntimo: sou capaz de explicar as profundas transformações que o advento do livro impresso provocou sobre as sociedades Ocidentais?

REFERÊNCIAS

- BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS Marcos Cezar de; KUHLMANN JR, Moysés (orgs). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: Século XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BRETON, Philippe; PROULX, Serge. **Sociologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.
- CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- HISTÓRIA DOS GRANDES INVENTOS. S.A.R.L. **Seleções do Reader's Digest**, 1983.
- TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GLÓSSARIO



Umberto Eco: Escritor, filósofo e lingüista italiano, nasceu em 5 de janeiro de 1932 em Alexandria. Ensaísta de renome mundial dedicou-se a temas como estética, semiótica, filosofia da linguagem, teoria da literatura e da arte e sociologia da cultura.



Marshall McLuhan: Filósofo e educador canadense. Criador da idéia de “aldeia global” trouxe para a educação novo enfoque, baseado em suas teorias sobre comunicação.



Roger Chartier: Diretor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, em Paris, é um dos grandes historiadores da atualidade, suas obras são reconhecidas em diferentes países do mundo. Em suas obras, o tema da leitura emerge como central.